

# **Territorialidades haitianas em Cuiabá/MT: o processo de reterritorialização através do Centro de Pastoral para o Migrante em Mato Grosso**

*Danilo Paranhos Batista\**

## **1 INTRODUÇÃO**

Em 12 de janeiro de 2010, a República do Haiti sofreu um dos maiores desastres naturais de sua história, um terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter que, segundo Coggiola (2010, p. 1), atingiu aproximadamente três milhões de pessoas, sendo registrado cerca de 250 mil mortos.

Todo esse desastre desestabilizou o país, agravando ainda mais a sua economia, produzindo conflitos civis e desencadeando problemas maiores, resultantes de sua conjuntura mundial, na qual figurava como “(...) país mais pobre da América, além de ser marcado pela violência, desigualdade social e instabilidade política, presente desde o início de sua formação” (MORAES; ANDRADE; MATOS, 2013, p. 7).

Deste modo, em busca de melhoria de condições financeiras e, principalmente, de vida, milhares de haitianos se refugiaram em países da América. O Brasil exerceu forte influência no contexto regional devido às ações do Exército brasileiro que constituiu uma ligação muito próxima com os haitianos através da Missão MINUSTAH, das Nações Unidas, para a estabilização no Haiti, pela sua perspectiva econômica e na organização de dois grandes eventos mundiais, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Este fluxo migratório para o Brasil foi observado na fronteira do estado do Acre com o Peru, fronteira esta que se tornou a principal rota de entrada dos haitianos no território brasileiro. Para tanto, toda essa diáspora haitiana foi penosa devido às ações de agenciados que extorquiam e os privavam

---

\* Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas. Docente em Geografia da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia. E-mail: paranhosbatista@gmail.com.

de liberdade durante o processo de trânsito entre o Peru e o Brasil. Ao chegarem em Brasiléia (município do estado do Acre), e após conseguirem os documentos essenciais para adentrar em território brasileiro, seguiam viagem para os grandes centros do país.

A cidade de Cuiabá, passou a exercer forte influência neste período, por ser uma das subsedes da Copa do Mundo de 2014, recebendo muitos haitianos devido à oferta de trabalho nas obras urbanas para o evento mundial. Desta forma, iremos observar o processo de formação de territórios haitianos no espaço cuiabano, onde a sua reterritorialização refletiu formas, assumiu funções e apresentou conteúdos; logo, essa dinâmica influencia e é influenciada pelas relações humanas.

Passados oito anos desde o terremoto que assolou o Haiti e quatro anos após a Copa do Mundo de 2014, o Centro de Pastoral para o Migrante ainda é a principal instituição responsável pelo atendimento aos haitianos, não somente assumindo o papel de acolher o refugiado, mas de desenvolver serviços sociais para o migrante já reterritorializado no espaço urbano de Cuiabá.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O objetivo geral deste estudo é analisar o processo de acolhimento e atendimento dos imigrantes haitianos no Centro de Pastoral para o Migrante, em Cuiabá, Mato Grosso. Para isso, serão realizados os seguintes objetivos específicos: analisar as formas de atendimento ao imigrante haitiano, identificando os serviços oferecidos e as demandas atendidas; examinar quantitativamente o processo de atendimento no Centro de Pastoral para o Migrante, por meio da coleta de dados sobre o número de atendimentos realizados, as nacionalidades dos atendidos, os serviços mais procurados e outros indicadores; identificar as necessidades e as possibilidades oferecidas aos haitianos em relação a assistência, considerando as condições de vida, as expectativas e os objetivos dos migrantes; ilustrar as percepções dos haitianos sobre a cidade de Cuiabá, a partir de entrevistas e grupos focais.

O presente trabalho nasceu da necessidade de compreender como ocorreu o processo de reterritorialização dos imigrantes haitianos em Cuiabá. Analisou-se as formas e as ações desenvolvidas pelo Centro de Pastoral para o Migrante como mediador e de apoio, no processo de adaptação a um novo território, a fim de compreender a falta ou ineficiência de assistência do estado de Mato Grosso e da prefeitura municipal de Cuiabá.

Realizou-se um estudo exploratório que, segundo Monzato e Santos (2012, p. 12), “tem por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter nova percepção do mesmo e descobrir novas ideias.” Esta pesquisa é de natureza

aplicada e sua abordagem é qualitativa, “pois considera a participação dos sujeitos como um dos elementos fundamentais na relação com o mundo real.” (NEVES, 1996, p. 2). Em algumas etapas da pesquisa, também abordamos técnicas quantitativas. Gil (2002, p. 5) afirma que as abordagens qualitativa e quantitativa “fornecem uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, visto que focam fenômenos complexos e/ou fenômenos únicos.”

Os sujeitos da pesquisa são os haitianos, membros da Associação em Defesa dos Migrantes Haitianos em Mato Grosso (ADMH/MT), e responsáveis/gestores do Centro Pastoral para Migrantes em Cuiabá. A abrangência desse estudo concentrou-se na cidade de Cuiabá. Foram entrevistados 20 haitianos e a Coordenadora do Centro de Pastoral para o Migrante.

### 3 TERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO: OS DESAFIOS DA ADAPTAÇÃO

Todo ser humano precisa ter um sentido na vida, ter um espaço físico para se relacionar, “seja ele como fonte de rendimento, seja como sentimento de pertencimento e/ou segurança (OLIVEIRA, 2011, p. 11). É impróprio pensar no ser humano sem um espaço, ou seja, a existência humana está relacionada à sua produção espacial, estando sempre em movimento, territorializando-se e/ou reterritorializando-se, pois “a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004, p. 138).

É natural do ser humano se territorializar, movimentar-se pelo espaço criando, abandonando e recriando novos territórios, a fim de satisfazer as suas necessidades e produzir um sentido à vida no espaço geográfico. Assim, o território se resume a uma necessidade humana. Territorializar-se é identificar-se com as particularidades nele constituídas, é entender que aquele espaço possui outros atores que expressam algo em comum, trazendo realização e significado, ou seja, “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 5).

O processo de se reterritorializar, em alguns casos, é penoso. Esta ação envolve muitas mudanças, pois altera ou transforma a identidade de quem se insere no espaço ou traz prejuízo ao sentimento da pessoa quando por alguma ação/tragédia se vê obrigada a abandonar o seu território e se reterritorializar em outro espaço, promovendo a ruptura do elo de ligação homem-território, resultando em “riscos’, tornando-a, assim, numa relação vulnerável e susceptível, pondo em causa a topofilia, o sentimento afetivo que une o homem ao seu território” (OLIVEIRA, 2011, p. 11).

Quando quebramos o elo com o(s) nosso(s) território(s), seja qual for o motivo, é natural a busca por nos reterritorializarmos. Para Haesbaert, “nunca nos desterritorializamos sozinhos, mas pelo menos de dois em dois” (HAESBAERT, 2004, p. 131), pois este processo, em muitos casos, é derivado por feitos que causam danos a uma sociedade, que envolvem comportamentos e que desestabilizam a vida das pessoas. Este ato não pode ser realizado individualmente, sempre há um meio motivador, sempre irá começar por alguém e que influenciará os demais.

Reterritorializar-se é saciar um sentimento que desponta pelo desejo de se realizar, de ser feliz. Não é compreensível nos desterritorializarmos para sermos infelizes em outro território. Desta forma, buscamos sempre uma melhoria de vida. No entanto, para alcançarmos este resultado, é necessário, em muitos casos, passar por situações penosas, uma vez que o ato de se mudar para um novo espaço, uma nova territorialidade, não significa “” dizer que iremos nos adaptar facilmente.

Criar vínculo com o novo território “poderá ser mais ou menos moroso, tudo dependerá da capacidade de resiliência do indivíduo e também da sua vulnerabilidade.” (OLIVEIRA, 2011, p. 43). Todo processo dependerá de como o sujeito irá se adaptar a uma nova identidade. O idioma, por exemplo, é um fator implicador para criar laços em um novo espaço.

As diferenças socioeconômicas entre o território de origem e o de chegada poderão deixar o indivíduo vulnerável, dificultando a criação de laços com o novo espaço de vida. Isso porque elas terminam “confinadas a uma qualidade de vida muito precária” (OLIVEIRA, 2011, p. 43), sendo expressas em algumas áreas da sociedade, como a moradia, o mercado de trabalho e as sociabilidades. Haesbaert ainda contribui dizendo:

[...] o que está dominando é a complexidade das reterritorializações, numa multiplicidade de territorialidades nunca antes vista, dos limites mais fechados e fixos da guetoificação e dos neoterritorialismos aos mais flexíveis e efêmeros territórios-rede ou “multiterritórios” da globalização. Na verdade, seria mais correto afirmar que o grande dilema desse novo século será o da desigualdade entre as múltiplas velocidades, ritmos e níveis de des-re-territorialização, especialmente aquela entre a minoria que tem pleno acesso e usufrui dos territórios-rede capitalistas globais que asseguram sua multiterritorialidade, e a massa ou “aglomerados” crescentes de pessoas que vivem na mais precária territorialização ou, em outras palavras, mais incisivas, na mais violenta exclusão e/ou reclusão socioespacial. (HAESBAERT, 2004, p. 372)

Certamente, com o capital definindo as relações internacionais, os processos de diásporas, ou melhor, de fluxos de território-rede, torna-se comum em relação às populações de países subdesenvolvidos, onde a desre-territorialização é produzida em um ritmo muito dinâmico e comum, movidos principalmente pela oferta de mão de obra e acesso a serviços indisponíveis ou precariamente oferecidos aos sujeitos. Esta dinamicidade de fluxos de territórios-rede produz uma pluralidade de territórios no espaço, ou melhor, territórios cíclicos a qual a fronteira e o tempo perdem a acepção.

O mercado de trabalho é um dos principais elementos que assegura e auxilia na produção territorial. Chegar a um novo território requer uma assistência, em muitos casos, o indivíduo se reterritorializa com poucas condições de viver/sobreviver, o emprego é a ferramenta que contribui para amenizar as perdas e criar vínculos com o novo território, pois as sociabilidades e a moradia resultam da inserção do indivíduo no trabalho, inegavelmente esta é a realidade, pois como foi dito, o capital define rumos das relações internacionais.

#### 4 O CENTRO DE PASTORAL PARA O MIGRANTE (CPM): UM ESPAÇO DE ACOLHIDA E ORIENTAÇÃO PARA OS HAITIANOS EM CUIABÁ

Localizado na Avenida Gonçalo Antunes de Barros, nº 2785, no Bairro Carumbé, Zona Norte de Cuiabá, o Centro de Pastoral para o Migrante (Foto 1) é uma fração importante do processo de produção das territorialidades haitianas na capital mato-grossense. O CPM é uma entidade de apoio ao migrante em trânsito por Cuiabá, regida pela Igreja Católica Apostólica Romana. Segundo a coordenadora do CPM, Eliana Aparecida Vitaliano, o CPM está ligado à Congregação dos Missionários Scalabrinianos e à Arquidiocese de Cuiabá-MT.

O COM foi fundado em 17 de agosto de 1980, com o objetivo inicial de atender ex-trabalhadores, em condição de escravidão, resgatados em situação de vulnerabilidade social. O CPM oferecia moradia através dos alojamentos, alimentação, amparo judicial, auxílio em passagens para que o atendido pudesse retornar para sua família ou ao seu lugar de origem. De acordo com *Vitaliano*, “a casa do migrante é assim, uma casa de abrigo né, uma casa abrigo, então a função primeira dela é acolher, é dar refeição, o espaço pra pessoa descansar repor as energias e seguir viagem.” [sic] (Informação verbal). Em outro momento a coordenadora do CPM caracteriza a estrutura para o atendimento dos egressos de trabalho escravo, conforme citado a seguir:

(...) e do lado direito, lá nos temos três quartos com capacidade pra trinta pessoas, dois quartos agora grandes e um banheiro também né, grande, que é pra onde os egressos do trabalho escravo, quando tem algum encaminhamento, eles ficam aqui também, aqui é casa só de passagem, pessoa vinha recuperava sua energia. [sic] (Informação verbal) Eliana Aparecida Vitaliano.

**Foto 1** - Centro de Pastoral para o Migrante (CPM), Cuiabá (2022).



Fonte: Danilo Paranhos Batista

No entanto, desde o início das atividades, esta instituição passou a atender não somente ao público supracitado, mas principalmente viajantes de outros estados brasileiros e do interior do Estado de Mato Grosso em busca de emprego ou tratamento médico. Assim, com o passar dos anos, o “público foi se diversificando, e nos últimos anos tem também atendido, em sua maioria, imigrantes vindos de diferentes países e continentes.” (MAZETTO et. al., 2017, p. 2).

Atualmente, o público atendido, que tem se sobressaído em números, são os haitianos, tendo seus primórdios ao final de 2012, quando um grande fluxo chegou a Cuiabá em busca de emprego, estimulado pela oferta de trabalho nas obras da Copa do Mundo de 2014 e pela construção civil que foi intensificada devido a este evento mundial. O CPM é, segundo Eliana Aparecida Vitaliano, a única instituição que atende aos haitianos recém-chegados à Cuiabá, “[...] quando os haitianos chegaram, finalzinho de 2012, aí eles já vinham com a intenção de permanecer no município. A gente recebia e recebe até hoje, porque somos aqui em Cuiabá a única instituição de realização desta função.” [sic] (Informação verbal).

Corroborando com a informação, são observados na Tabela 1, o número de atendimentos pelo CPM aos imigrantes provindos de outros países (considerando como primeiro atendimento), entre o período de 2013 a 2019, sendo possível analisar o fluxo de haitianos que chegaram à instituição e refletir com base no depoimento da coordenadora do CPM e dos haitianos. De acordo com estas indicações, iniciaremos, através da Tabela 1, apresentando as primeiras referências:

**Tabela 1** – Naturalidade dos imigrantes atendidos pelo CPM entre 2013 e 2019.

Países	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Equador	3		1	1	4	1	2
Alemanha			3				
África do Sul	1	8	4	1	1	2	2
Camarões					1	1	
Cuba		2		9	13	20	5
Chile		1	1		1	1	1
Argentina	1		3				
Guiana Francesa					1		
Haiti	1410	730	843	394	401	377	240
Rep. Dominicana		6					2
Portugal	1						
Bolívia	2	4	9		2	3	2
Peru	2		1	1			1
Suíça			1				
Suriname					1		
Holanda	1						
Colômbia	26	4	1	3	1	3	
Venezuela				10	6	31	23
TOTAL	1447	755	867	423	432	439	278

Fonte: CPM (2019).

A Tabela 1 mostra que 2013 foi o início do maior fluxo de haitianos, ou seja, ano em que se verificou o primeiro atendimento de imigrantes que chegavam da Ilha Caribenha a Cuiabá em busca de emprego e acolhimento transitório.

Em sua maioria os imigrantes haitianos não possuíam contato com nenhum outro morador da cidade mato-grossense. Chegavam ao *Terminal Rodoviário Engenheiro Cássio Veiga de Sá*, em Cuiabá, e ao pedirem informações, eram orientados pelos funcionários a conduzir-se ao CPM, o que observamos por meio dos relatos a seguir:

Quando cheguei Cuiabá perguntei, perguntei na rodoviária e me mandou para a dona Eliana. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

Fui bora de Porto Velho, me falaram que tinha um lugar que recebia quem chegava na Cuiabá. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

A coordenadora do CPM, Eliana Aparecida Vitaliano, exemplifica o processo de acolhimento do imigrante, no qual a instituição atendia por um período máximo de sete dias, de acordo com o regimento do Centro de Pastoral, sendo um único atendimento, não podendo ser repetido para a mesma pessoa novamente. Contudo, devido às novas dinâmicas de públicos, o CPM teve que fazer alterações no seu quadro de atendimento, conforme descrito pela coordenadora a seguir:

hoje a média de atendimento é então quanto tempo ela fica, em média de atendimento aqui na casa ela ainda permanece em cinquenta pessoas dia né, 40 e 50 pessoas, já chegamos a atender 180 pessoas por dia, o tempo de permanência era menos, pra pessoa recuperar as energias é com 7 ou 8 dias pra ele tá deixando a instituição né, agora não, agora a gente dá um prazo de 45 dias né, e ai conforme as necessidades a gente vai ajudando, então, a gente vai conversando e tentando ver qual que é a situação da pessoa, por que que não tá conseguindo emprego? Se tá procurando ou não né. Hoje, na casa nós temos 38 pessoas, e tem gente que tá aqui desde o mês de dezembro, tem alguns aqui né, mas a gente vai conversando com eles, tem que se organizar, tem que deixar a casa porque outros estão chegando né? Depois que eles deixam a casa, eles não podem mais voltar, a gente até explica pra eles que a casa do migrante atende uma vez, atende bem pra atender uma vez, más é claro, se chegar um haitiano pela segunda vez, ou terceira vez, que tem a necessidade né, ou não sabia que não podia voltar, a gente tenta deixar essa pessoa



permanecer um pouquinho, mas um tempo menor, ela tem que ser mais rápida e mais ágil, a gente sempre fala para os haitianos, tem gente vem pra cá né, em 2013, 2014 né, já teve 2015, 2016 e 2017 e 2018 e 2019, teve três anos já de Brasil, então com três já deu tempo pra se estabilizar. [sic], (Informação verbal)

Ainda de acordo com a Tabela 1, no ano de 2014, notamos uma redução significativa nos atendimentos no CPM, no entanto, é importante destacar que essa diminuição não indica um fluxo migratório entre o Haiti e o Brasil, em particular, para Cuiabá. Durante este período, muitos imigrantes haitianos que chegavam à capital mato-grossense já tinham um contato, um destino, um amigo, parente ou conhecido que os esperava para fornecer abrigo/moradia. Dessa forma, muitos imigrantes não solicitaram atendimento do Centro de Pastoral para o Migrante para acolhimento, mas, sim, solicitaram atendimento para emitir documentos oficiais, como a Carteira de Trabalho e orientações trabalhistas e sociais.

De acordo com a coordenadora do Centro de Pastoral, era esperado que o número de haitianos diminuísse a partir de 2015, uma vez que os que eram atendidos pelo CPM, ao conseguirem emprego, deixavam a instituição, pois passavam a ter condições financeiras para alugar uma residência ou uma quitinete. Eliana Aparecida Vitaliano ainda acrescentou afirmando:

(...) continuam chegando haitianos, mas em número menor, alguns ainda chegam e ainda precisam da casa pra dormir, que não têm parente e não têm ninguém, mas muitos já chegam com endereço certo pra casa de amigos e familiares, e até no interior do estado, passam em Cuiabá pra fazer seus documentos, depois seguem pra cidade no interior ou ficam mesmo em Cuiabá, ou então já chegam em Cuiabá e já ficam na casa de parente e vêm aqui só pra gente auxiliar e organizar a questão de documentação, não são todos que precisam de ficar na casa, casa do migrante é para o migrante que precisa, que necessita né. [sic] (Informação verbal).

De acordo com a análise dos dados do Centro de Pastoral para o Migrante, os acolhimentos tendem a diminuir, uma vez que a população haitiana em Cuiabá está estabilizada, ou seja, muitos já têm uma moradia, um emprego e um meio de se manter financeiramente para tentar superar o quadro social de vulnerabilidade social. O desejo de muitos, agora, não é mais voltar para seu país de origem e, sim, buscar seus familiares que ficaram no Haiti.

Hoje não penso na volta para Haiti, gosto de Bresil, aqui mesmo com dificuldade, sou feliz, quero buscar minha esposa e meu filho. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal)

A gente espera a vida melhorar mais um pouco pra vim o meu irmão, aqui já tem onde ele morar, vai morar aqui. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal)

Atualmente, o CPM tem assumido uma nova função, que vai além do fornecimento de abrigos para recompor as energias, mas também desempenha o papel de fornecer orientações e criar serviços sociais para auxiliar os haitianos a se adaptarem a um novo território e a começarem a viver em Cuiabá.

A partir do ano de 2017, segundo a Tabela 1, a média de atendimentos aos imigrantes haitianos caiu quase pela metade. Dessa forma, é possível notar o retorno de haitianos que já moram em Cuiabá, ou seja, que retornam à capital mato-grossense por sentirem uma certa “simpatia” pela cidade. Vitaliano complementa com a afirmação:

Ainda hoje, podemos observar que muitos haitianos que chegam em Cuiabá, não vêm de outras Regiões do Brasil, mas do Haiti. Tem alguns casos que são assim, esses que falei de retorno que são pessoas que já tiveram em São Paulo, que já tiveram em Santa Catarina e tal, não deu certo a questão de trabalho e voltam porque a princípio tinha ficado em Cuiabá e tem simpatia por Cuiabá, ou tem um grupo de haitianos que pode auxiliar, tem mais confiança no município, mas a maioria que tá chegando, que chega é do Haiti. Eu atendo todo dia pra regularizar documentação em torno de 3 e 4 pessoas todo dia chegando é, hoje mesmo, nós recebemos um pra cá. [sic] (Informação verbal).

Segundo dados e informações da Associação em Defesa dos Migrantes Haitianos em Mato Grosso (ADMH/MT), atualmente, em Cuiabá, moram cerca de 3000 haitianos. Alguns entrevistados, ao serem questionados sobre o que pensam da capital mato-grossense, responderam:

Cuiabá é uma cidade tranquila, parece com a minha cidade no Haiti, Cabo Haitiano. Gente de Cuiabá hospitaleiro. Eu estou feliz por morar em Cuiabá e gosto. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

Para mim, Cuiabá é o melhor lugar para morar. Cuiabá não tem muito crime, mas em Cuiabá sempre tem pessoas nas ruas todas as horas. Cuiabá é muito linda. A noite cuiabana é muito brilhante com as luzes. Os brasileiros sempre falam assim “os haitianos somos iguais” em Cuiabá os haitianos são bem tratados. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

Cuiabá do meu coração! Aqui é quente igual meu país, você é quente igual. Eu sinto confortável aqui porque eu me sinto tá em casa, O povo é muito gentil. Povo de Cuiabá recebe bem os estrangeiros. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

Para mim, Cuiabá é melhor que as cidades. Aqui não tem frio e tem escola para imigrantes. Cuiabá é uma cidade muito tranquila e eu prefiro Cuiabá do que as outras cidades. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

Tem muito calor aqui, muito sol, tem muita alegria também. Há muito estrangeiro de diferentes nações: haitianos, africanos. Todos são bem tratados nessa terra. Brasil abriu a porta de oportunidade para quem quer conseguir trabalho. Tem curso gratuito para aprender e preparar futuro e para fazer um curso profissionalizante. Para mim, é bem maravilhoso, bem estruturado. Cuiabá, estou vivendo aqui. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

Para mim, eu acho Cuiabá é muito bom, porque não tem muita violência, para mim Cuiabá é muito tranquilo, não acho discriminação de pessoas, tem muito trabalho, muita comida, muita menina bonita, muito calor, muita carne bovina. Tem escola para estudar. Eu sinto muito bem aqui porque aqui tem muita gente boa, e pela graça de Deus eu não acho nada de problema. Eu gosto muito Cuiabá porque sinto um prazer para morar sem dificuldade, mais aqui eu tenho muito amigo na escola, na igreja, no trabalho. Aqui sempre me ajudou todos. [sic] (haitiano/a entrevistado), (Informação verbal).

De acordo com os relatos, é possível constatar que há uma “simpatia” por Cuiabá e que a cidade pode contribuir para melhorar a qualidade de vida dos imigrantes, sendo considerada um local acolhedor, amigável e hospitaleiro.

Uma característica apresentada pelos haitianos para definir Cuiabá é o clima quente, que se assemelha ao clima de seu país. No último relato, nos chama a atenção o depoimento que afirma que a capital mato-grossense “não tem muita violência” [sic] (Informação verbal) haitiano/a entrevistado, neste caso evidenciado em comparação com o Haiti.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morar próximo ao Centro de Pastoral para o Migrante se tornou para a comunidade haitiana uma ação primordial devido a exiguidade de assistência do Poder Público. Deste modo, ter o CPM próximo à sua moradia, ou de fácil acesso, permitia que, ao necessitarem de assistência, poderiam recorrer a essa instituição, como observamos nos relatos da coordenadora da instituição destacando casos do retorno de haitianos ao CPM.

O temor de morar longe desta instituição, a dificuldade com o idioma brasileiro e, principalmente, a condição de vulnerável social, privaram muitos haitianos de escolherem um lugar mais adequado para viver, onde passaram a “representar uma forma peculiar de segregação” (SPOSITO, 2013, p. 68), isto é, viver longe do CPM se tornou penoso, pois a instituição exercia um poder de acolhimento, independente do abrigo, mas de buscar suprir as necessidades dos que carecem, condicionando-os a se segregarem em bairros com estruturas deficitárias, se posicionando como dependentes de amparo, condições sociais, econômicas e políticas que os impuseram uma segregação espacial.

Não há uma dimensão sobre o que realmente ocorreu no processo de reterritorialização haitiana no Brasil, ou seja, vivenciar esta realidade é completamente diferente do que as ouvir através de depoimentos em entrevistas, pois os haitianos vieram em um momento de extremo sofrimento e vulnerabilidade social, com a finalidade de buscar melhoria de vida para si e seus familiares que ficaram que no Haiti.

É através desta persistência que podemos refletir sobre o sentido das Territorialidades Haitianas em Cuiabá, onde a necessidade de adquirir direitos e igualdade na sociedade impele um desejo de unidade a fim de buscar os direitos, adquirir acesso à educação, saúde e melhoria de vida, ainda, lutar contra a xenofobia e a segregação socioespacial.

Imigrar para um novo país é árduo, principalmente quando as relações culturais são diferentes, e o que mais dificulta é a ação que promoveu esta imigração. Certamente, na maioria dos casos, o processo de imigração não ocorreu por vontade própria do indivíduo, mas devido a ações que forçaram a sua desterritorialização.

Atualmente, diminuiu-se o número de haitianos imigrando para o Brasil. Observamos que aqueles que já residem neste território buscam seus familiares para vir morar aqui, no entanto, o processo imigratório está mais justo, pois a maioria ao adentrar em território brasileiro já o faz portando o visto de entrada e a rota utilizada nos primórdios, após o terremoto de 2010, não é mais utilizada.

## REFERÊNCIAS

- COGGIOLA, O. Haiti: terremoto, colonização e resistência. **O Olho da História**, n. 14, Salvador (BA), junho de 2010.
- GIL, A. C.; **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HAESBAERT, R.; **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B.; A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. **Departamento de Ciência de Computação e Estatística–IBILCE–UNESP**, v. 17, 2012.. Disponível em: <[http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino\\_2012\\_1/ELABORACAO\\_QUESTIONARIOS\\_PESQUISA\\_QUANTITATIVA.pdf](http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf)> Acesso em: 02 de ago. de 2023.
- MAZETTO, T.; PELLIZARI, K.; MAZARO, R. E.; Um relato de experiência no CPM de Cuiabá-MT: Aspectos básicos de gestão. In: VI Seminário Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade. 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]** Anais do VI SINGEP – São Paulo – SP – Brasil – 13 e 14/11/2017. Disponível em: <<https://singep.org.br/6singep/resultado/365.pdf>>. Acesso em: jun. 2023.
- MORAES, I. A.; ANDRADE, C. A. A.; MATOS, B. R.. B.; A imigração haitiana para o Brasil: Causas e desafios. **Conjuntura Austral**. v. 4, n. 20, Out./Nov. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/35798/27329>>. Acesso em out. 2022.
- NEVES, J. L.; Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, Nº 3, 2º SEM./1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em ago. 2022.
- OLIVEIRA, A. M. C. V. dos S. **Processos de desterritorialização e filiação ao lugar: o caso da Aldeia da Luz**. 2011. 171 f. Dissertação (mestrado em Geografia Humana, Ordenamento do Território e Desenvolvimento), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: <<https://>>

estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/19136/1/Processos%20de%20Desterritorializa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Filia%C3%A7%C3%A3o%20ao%20Lugar%20-%20o%20ca.pdf>. Acesso em 2022.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (orgs.). **A cidade contemporânea: segregação socioespacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente; São Paulo: Difel, Brasil. 1980.

## RESUMO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Brasil. O artigo analisa o processo de reterritorialização dos haitianos em Cuiabá, a partir da atuação do Centro de Pastoral para o Migrante (CPM). Tem como objetivo compreender como o CPM contribuiu para a reterritorialização dos haitianos em Cuiabá. Como procedimentos metodológicos, a pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com haitianos, a coordenadora do CPM e a assistente social da instituição. Os resultados mostram que o CPM foi fundamental para a reterritorialização dos haitianos em Cuiabá, fornecendo abrigo, assistência social e orientação aos recém-chegados. O CPM também contribuiu para a formação de redes de solidariedade entre os haitianos, o que facilitou sua integração na cidade. O CPM desempenhou um papel importante no processo de reterritorialização dos haitianos em Cuiabá, contribuindo para a sua integração social e econômica. No entanto, a segregação espacial dos haitianos em bairros com estruturas deficitárias os manteve em uma condição de vulnerabilidade social. As redes de solidariedade entre os haitianos foram importantes para a sua integração na cidade, mas o Estado deve promover políticas públicas que garantam os direitos e a igualdade dos haitianos.

**Palavras-chave:** Imigrantes; haitianos; Centro de Pastoral para o Migrante; Cuiabá.

## ABSTRACT

**Abstract:** This study was conducted with the support of the State University of Mato Grosso (UNEMAT) in Brazil. The article analyzes the process of reterritorialization of Haitians in Cuiabá, based on the work of the Center for Pastoral Care for Migrants (CPM). The goal is to understand how the CPM contributed to the reterritorialization of Haitians in Cuiabá. The research was conducted through interviews with Haitians, the CPM coordinator, and a social worker at the institution. The results of the research show that the CPM was essential for the reterritorialization of Haitians in Cuiabá, providing shelter, social assistance, and guidance to newcomers. The CPM also contributed to the formation of solidarity networks among Haitians, which facilitated their integration into the city. The CPM played an important role in the process of reterritorialization of Haitians in Cuiabá, contributing to their social and economic integration. However, the spatial segregation of Haitians in neighborhoods with deficient structures conditioned them to a condition of social vulnerability. The solidarity networks among Haitians were important for their integration into the city, but the state should promote public policies that guarantee the rights and equality of Haitians.

**Keywords:** Immigrants; Haitians; Center for Pastoral Care for Migrants; Cuiabá.